Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados a 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

ANNO 1.º | **Aveiro, Quinta-feira 23 de Agosto de 1883** | NUMERO 44

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato, PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—Peris Mencheta

COLLABORADOES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. de Araujo e Silva, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Arthur Leitão, Amelia Janny, Bernardino Machado, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Carlos L. d'Avilla, Carlos de Moura Cabral, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Cypriano Jardim, Eça de Queiroz, Ernesto Pires, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, Gomes Leal, Guiomar Torresão, Henriqueta Eliza da Fonseca, J. de Magalhães Lima, Jayme Sèguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, J. Leite de Vasconcellos, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, José Echegaray, J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz de Guimarães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Macedo Papança, Luiz Martinez Pacheco, Manuel Bernardes Branco, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, P. Gastão Mesnier, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Urbano de Castro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

ALMANACH.—Agosto (31 dias)

Quarta-feira	1	8	15	22	29
Quinta-feira	2	9	16	23	30
Sexta-feira	3	10	17	24	31
Sabbado	4	11	18	25	
Domingo	5	12	19	26	
Segunda-feira	6	13	20	27	
Terça-feira	7	14	21	28	

PHASES DA LUA

Lua nova a 3.—Quarto crescente a 11.—Lua cheia a 18.—Quarto minguante a 25.

Summario

O sr. Bispo Pina em Aveiro, por L. d'A. e M.

Um heroe de 14 annos, por Carlos Faria.

Praça do Campo de Sant'Anna, por R. M.

A Meninez dos grandes Homens, por Justino Barboza.

Correspondencia de Coimbra, por Alexandre da Conceição.

Correspondencias de Hespanha por Mencheta.

Politica Nacional.

O SR. BISPO PINA EM AVEIRO

XII

Era a egreja christã no seu instituto uma sociedade d'irmãos, sem primeiro nem ultimo, sem grandes nem pequenos, sem superiores nem inferiores, sem ricos nem miseraveis, tendo por mobil a fé, por codigo Evangelho, por Mestre só a J. Christo, e só a Deus por pai espiritual e soberano.

Tal foi em seu começo e como tal, animada, vigorosa, e tanto, que reagio sobre a antiga sociedade e a transformou apezar dos grandes egoismos que a dominavam.

Mas o edificio, que surgira á voz do salvador, e que os apostolos continuaram, dois seculos depois se desfazia dando logar a um outro sonhado pela ambição dos bispos, e por estes proseguido com ardor até que Gregorio VII o rematou.

Abandonando as formas primitivas a egreja se constituiu em gerarchia, expressamente condemnada pelo Divino Mestre, assumiu poderes extraordinarios e incompativeis com a sua indole, e com a sua instituição, inventou e imitou dos judeos e dos gentios uma lithurgia variada, um culto, do qual, apezar de ter uma importancia mui secundaria segundo o Evangelho o declara, mas não como ella hoje e sempre o inculca, fez a sua diuturna e exclusiva tarefa, definou ou antes creou e juntou novos dogmas aos poucos e muito simples que os apostolos ensinaram, e só por isso bastantes para a evangelisação do mundo.

A egreja formou-se á imagem do imperio, dominou-o e esteve a ponto d'absorvel-o!

Ora Jesus Christo disse—«Não vos intituleis Mestres, porque um só é o vosso Mestre, e esse sou eu—os que dominam entre «os povos é que estão constituidos em auctoridade, mas vós não sereis assim.—Vós «todos sois irmãos—e o, que quizer ser o «primeiro, esse será o servo dos outros».

E a missão do apostolado os bispos a converteram em um titulo, em um grau d'auctoridade, que Jesus Christo só a si mesmo attribuiu, e portanto só n'elle existe, e só n'elle deve ser respeitada.

Jesus Christo disse.—«A ninguem chameis pai sobre a terra, porque um só é vosso pai, que está nos céos»—

E até disse—«que a doutrina não era «sua, mas do pai celleste, e só vinha revelal-a—» O que digo no mundo é o que «d'elle aprendi, eu nada faço de mim—mesmo, mas, como o Pai me ensinou, assim «fallo», S. João. Cap. Cap. 8 v. 28—, v.º «26.º—v. 40—v. 16»—

E o corpo dos bispos, não podendo ser mestres, nem paes espirituaes, nem assim appellidar-se, se intitulou—A Santa Madre Egreja—e ainda se proclamou infallivel nos seus congressos, e por ultimo n'um só d'entre elles, no bispo de Roma!

E' muito blasphemar, é muito ousar!

Talvez se julgue que combatemos estas monstruosidades nascidas e medradas no meio catholico, porque alguns sectarios tambem as combatem—seria um engano.—Folgamos d'ignorar os seus argumentos.

A moral christã, ao menos e felizmente, não tem seitas.—

E' tanto da egreja catholica como da egreja reformada=

E é com os textos sagrados d'essa moral na mão que nos revoltamos contra os actos, contra o systema de proceder dos bispos; são elles os verdadeiros protestantes, o seu ensino e a sua vida protestam contra o Evangelho.

A fé desertou dos chefes catholicos, falle a fé aos bispos—porque, se a tivessem, não ousariam despresar o santo codigo, contra as penas com que os ameaça, e ácerca de preceitos, a que Jesus Christo attribuio o maximo valor espiritual, todos os meritos da graça divina!

Não podia ser que assim procedessem.

Não creem, nem sequer duvidam, porque na duvida mesmo não é crivel a sua ousadia.

Não eram protestantes Innocencio 3.º, nem os quatro theologos, aquem consultou sobre o direito do pontifice aos bens da egreja.

A resposta foi:

«Os bens da egreja pertencem aos pobres «o pontifice só póde d'elles tomar o *necessario* para viver *frugalmente*.»

E accrescentaram:

«Os actos iniquos dos antecessores d'um «papa não servem de desculpa, se elle os imita.»

Veja-se o D.º Canonico—A collecc. Scriture diregia giurisdiccione—n. 9. t. 3. pg. 177 e seguintes—n. 18—t. 7. pg. 119—Clemente d'Espence—A' Epist. de S. Paulo a Tito—Cap. I=Digres. 2. pag. 479.=

Não são protestantes esses que invoco.

Como é pois crivel que os bispos, e com saliencia o sr. Pina, á custa dos pobres, e contra antigas regras disciplinares, construam palacios, se vistam de preciosos estofos com presumida e enfunada elegancia, se desloquem commoda e voluptuariamente em seus coches, se reclinem nos sophás das suas sallas, onde pendem os lustres dos tectos, onde brillam pratas e crystaes por sobre as mezas, e nas quaes se exageram em adornos; como é crivel, que da bocca dos desgraçados se tire o pão para essas cortezanices destoantes do caracter episcopal, para esses opiparos jantares, para essas reuniões onde mais que tudo se extranha as fardas com as quaes o sr. bispo humilha os seus irmãos a cujos hombros as lança ou consente; como é crivel que do seu pescoço esteja suspensa a imagem do Christo assistindo a todo esse escandalo, a esse menospreso dos seus dictames!—

Não é crivel!

Ausentou-se já o sr. Pina e no dia da sua partida muitos cavalheiros d'esta cidade, que o povo não acompanhou, foram á *gare* despedil-o e ahi renovaram as usuaes demonstrações de vassalagem espiritual, o beijo do annel, e a genuflexão na terra.

Foram ao bispo, o sr. Pina, cujo numero d'ordem não sabemos, como foi costume ir aos bispos anteriores, como iriam a todos os bispos.

Essa homenagem não era dirigida ao bispo individualmente considerado no sr. Pina, porque este sr. é mais um homem do mundo, ostentoso, do que um caracter apostolico.

Não era dirigida ao conde, nem ao par do reino, porque ahi se apeam dos comboios muitos condes, muitos pares, e rodam pela cidade sem cortejos, e sem despedidas officiaes nem recepções á sua chegada.—

E essas dignidades são os dotes pessoaes que bem ou mal as adquirem, em quanto que no sr. Pina são apenas uma antiga homenagem, uma concessão da corôa á mitra de Coimbra, e não á pessoa do sr. bispo, em quem portanto nada valem, nada significam.—

E' a mitra que é condessa, e é o baculo que é par do reino.—

Não era á pessoa do sr. Pina, porque apesar de ser boa e affavel, as boas pessoas affaveis não conseguem que assim as venerem.—

Essa homenagem portanto era dirigida, a que? a uma tradicção injustificavel.

Estavam pois esses cavalheiros diante de um simulacro, de um fetiche; de um lado uma convenção secular representada na figura do sr. Pina, e do outro o respeito solemne, mas só exterior e formal, na face dos assistentes, e se alli estivesse entre elles um outro bispo, era para receiar o que Cicero disse de dois augures encontrando-se na rua, e olhando um para o outro.

De passagem observo a esses cavalheiros que convém renunciarem a estes actos, na apparencia frivolos, mas que por motivos d'alta monta relativos a esta epocha deixam de ser indifferentes.

XIII

Em reforço ao nosso segundo artigo publicamos hoje um pequeno additamento com mais algumas citações inrecusaveis.

A igualdade de todos os homens perante Deus foi estabelecida pelo Divino Mestre de uma fórma tão positiva que é uma inepcia contestal-a—e entre as consequencias d'esse grande principio se inclue a de que todos os christãos são destinados a ser—*reis e padres*—expressão que equivale a—*senhores das suas acções*, e *da sua consciencia*—tendo apenas por lei e guia o Evangelho—.

S. João—Apocalypse—Cap. 5—v. 10

—«*E nos tens* feito para o nosso Deus—*reino* e *sacerdotes*—e reinaremos sobre a terra.»—

S. Pedro—Epistola 1.ª—Cap. 2—v. 5 e 6—«Tambem sobre ella—(pedra viva ou *J. Christo* v. 4. anterior), vós, como pedras vivas sêde edificados em *Casa Espiritual*, em *Sacerdocio Santo*, para offerecer *sacrificios espirituaes*, que sejam acceites a Deus por J. Christo.»

«Vós sois a geração escolhida—o *Sacerdocio Real*—a *gente santa*—para que publiqueis a grandeza d'aquelle que das trevas vos chamou á luz»—Idem 9—.

Santo Ireneu—Contra Haeres.—L. 4—cap. 8 (al.—20)—pag. 237.—«*Todo o rei justo* é elevado á *graduação de padre.*»—

A palavra—rei—tem aqui o sentido que nós acima lhe demos—porque o santo explicando a palavra—*justo*—que lhe está unida entende por justos aquelles «que a tudo renunciaram para seguirem a J. Cristo, e servirem a Deus.»—Portanto refere-se a todos os christãos—.

S. Justino—Dialogo—com Triphon—N. 116—pag. 209—«*Todos* podem offerecer—o *pão* e *vinho*—em nome de Jesus.»—

Em S. Cypriano—Epistola—64—§. 3 e 4—lê-se—«a nomeação dos padres deve ser approvada—*publico judicio ac testimonio.*»—

O Synodo d'Antiochia—declara que o bispo recusado pelo povo não póde tomar posse do seu cargo—«*propter populi recusationem.*»

(*Continua.*).

L. D'A. M.

UM HEROE DE 14 ANNOS

Eis um facto estupendo e digno da mais estimulante recompensa.

Uma creança de 14 annos ficára, na auzencia dos paes, tomando conta de um irmãosinho de 1 anno. Brincavam e este cahiu a um fundo poço.

O outro comprehendendo que sósinho o não podia salvar, sahiu á estrada a gritar por soccorro; e em seguida precepitou-se no poço. Alli mergulhou por baixo da creancinha, quazi afogada, e nadando esforçava-se por conserval-a fóra da agua. Luctou corajosa e decididamente. Ainda a tempo lhe accudiu gente que de longe lhe ouvira os gritos de soccorro.

Esse rapaz de 14 annos é um heroe no sentido grande e angusto da palavra. Reconheceu o perigo, e a sua insufficiencia para o vencer; por isso pediu auxilio. E immediatamente arriscou a vida pela salvação do seu infantil irmão, procurando intelligentemente desafogal-o e defendel-o da submersão.

Este proceder consciente e dedicado, com todo o relevo da coragem comprehendida, faz da creança um homem; e obriga a sociedede a dar-lhe um galardão que exprima o seu agradecimento por um grande serviço humanitario, e que lhe alimente pelo estimulo recompensado a sua generosidade. Por isso eu que nada confio aos poderes publicos, abro uma excepção para instar com o philantropo governador civil, Mendes Leite, e com o condoroso ministro do reino, Thomaz Ribeiro, para que alcancem para o tenro heroe a medalha dos serviços humanitarios.

A nossa Rainha teve a Medalha de Oiro por se lançar á agua por seus filhos, que outrem salvou.

Dando-se á creança de 14 annos, que realmente salvou o irmão, a Medalha de Prata, estão sobrepujadas todas as differenças. Peço afoitamente a Medalha de Prata para esse rapazinho que é de Ilhavo, e cujo nome divulgarei, apenas o saiba.

CARLOS FARIA.

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

DOMINGO 19 DE AGOSTO DE 1883

Beneficio do Cavalleiro Antonio Monteiro

A's 5 horas da tarde, comparecendo no seu camarote a respectiva auctoridade, entraram na arena os lidadores.

CAVALLEIROS

Manuel Maurisca; José Casimiro Monteiro e Antonio Monteiro.

BANDARILHEIROS

Sancho, Caixinhas, Calabaça, João Roberto, José Cortez e Augusto Monteiro.

Findas as cortezias, que foram regularmente executadas. deu-se começo á corrida sahindo o

1.º TOURO

preto, cornialto, delgado, prompto para cavallo, passando logo ao *segundo estado*. Sahiu lhe Maurisca, que poz um bom ferro á gaiola e mais tres em boas sortes á *meia volta*. Foi recolhido.

2.º TOURO

preto, corniaberto, boa estampa e bravo. Coube a Calabaça que rematou bem a sorte de gaiola pondo-lhe mais um par de bandarilhas *a cuarteio*. Sancho poz-lhe tres pares *de cara*.

3.º TOURO

preto, corniaberto, bravo e de sentido. Foi para João Roberto e Caixinhas, pondo-lhe o primeiro um bom par a gaiola e mais dois meios e o segundo dois pares.

4.º TOURO

preto, levantado de cabeça, de muito sentido mas bom para cavallo. José Monteiro, fez 8 sahidas falsas e enfeitou o animal com dois ferros apenas.

5.º TOURO

preto, bravo e fino. Recebeu de Cortez dois pares e meio de bandarilhas e de Augusto Monteiro tres pares. Este ultimo com quanto seja ainda um principiante, tem jà algumas sahidas muito regulares, apontado os ferros soffrivelmente. Se continuar, poderá ser um toureiro bom. Sancho deu-lhe cinco passes naturaes com o capote e uma navarra.

6.º TOURO

preto, brando e de sentido. Foi destinado a João Roberto e Calabaça, recebendo do primeiro dois meios pares de bandarilhas e do segundo 2 pares. Cortez deu-lhe 4 passes naturaes e uma navarra, sacando-lhe o touro o capote.

7.º TOURO

preto, optimo para cavallo, revoltoso. Antonio Monteiro enfeitou o animal co seis ferros todos á meia volta e um par de bandarilhas em igual sorte. Sancho aproveitou bem as qualidades d'este touro; dando-lhe seis passes naturaes com o capote, Antonio Monteiro foi chamado e justamente aplaudido, recebendo alguns brindes.

8.º TOURO

torrado, cornicurto, brando, de muito sentido um verdadeiro *tunante*. Antonio Monteiro com muito custo poude pôr-lhe tres ferros, tendo sido primeiro espertado com um par de bandarilhas por Sancho.

9.º TOURO

Amarello, brando, de sentido, menos mau para cavallo. Sahiram-lhe Mourica e José Monteiro. Enfeitou-o o primeiro com 4 ferros á meia volta e um par de bandarilhas, sendo n'esta sorte beijado o cavallo e o segundo poz-lhe outros tantos ferros e tambem um par de bandarilhas.

10.º TOURO

preto, corniaberto, pouco fino, não querendo cavallo. Antonio Monteiro rematou duas meia voltas soffriveis. Sancho deu-lhe 6 passes naturaes e 2 navarras.

11.º TOURO

preto, bem armado, não reparando no cavallo.

Foi este touro destinado ao amador João Carlos Martins. Este senhor foi muito feliz em lhe terem dado este boi, porque certamente era desfeiteado se fizesse as sahidas que tentou, a um outro boi que tivesse gosto pelo cavallo. Retirando-se da praça, voltou novamente n'este mesmo touro a bandarilhal-o conseguindo pôr 4 pares de ferros á meia volta e dando 4 passes naturaes com o capote. Não conhecemos este senhor, mas não nos resta duvida de que já tem tauriado, principalmente á fé por que as suas sahidas foram rasoaveis.

12.º TOURO

preto, bem armado, de sentido, brando para cavallo. Foi lidado por Antonio Monteiro, Martins e Rodrigo Monteiro. Este ultimo, irmão do beneficiado e que por este facto se prestou a tourear, mostrou *boa vontade*, desconhecendo porem as regras da arte de tourear. Martins conseguio com o mais louvavel intento levar pancada. Antonio Monteiro pôz um ferro á meia volta.

Recolhido que foi este touro, largaram para a praça uma vacca para Martins. que, diga-se a verdade, foi acertadissima a escolha. Estavam bons um para o outro. A vacca fugia do cavalleiro e este fazia o mesmo a respeito da vacca, que era um animal brando e muito abanto. Foi recolhida sem um s ferro.

14.º TOURO

preto, listão, muito bravo e fino.

Lidaram-no Caixinhas e José Cortez.

Caixinhas executou um *sesgo bom* e José Cortez rematou tres lindissimas sortes pondo um luzidissimo par de bandarilhas á gaiola.

15.º TOURO

preto, bem armado, de sentido, revoltoso.

Recebeu de Sancho um par de bandarilhas e de Augusto Monteiro outro par.

Em resumo, a tourada não deixou de agradar, porque se appareceram alguns touros de sentido e maus, é certo tambem que houve bois bastante finos e bravos. Entre estes especializaremos o 7.º que foi um boi real para cavallo e o 14.º que alem de muito bravo, tinha todas as mais condições para a lida. José Cortez houve-se com este touro como um bom artista. Poz 3 pares de bandarilhas de mestre, sendo um a gaiola, outro n'um explendido *sesgo* e o terceiro n'um optimo *cuarteio a touro parado*. Este artista tem escola, é muito attento no seu trabalho, sereno a tourear e elegante, calculando bem o terreno que deve dar ás suas sahidas.

Direcção da corrida regular.

Enchente quasi completa.

R. M.

A MENINEZ DOS GRANDES HOMENS

DEMOSTENES

Havia em Athenas um rapasito que era o garato maior que se havia visto. Não passava um dia que não fizesse uma partida a seus companheiros, ou alguma má acção a seus visinhos. Em quanto aos professores, não era sua a culpa se não o fazia sabe, porque não ia á eschola. Seus amigos chamavam-lhe a *pequena serpente*, e seus visinhos o *traste*, ainda que seu nome era Demóstenes.

Sem embargo, o pequeno Demóstenes não era mau no fundo; era mais bem desgraçado. Havia perdido sua mãe quando tinha tres annos de edade, e seu pae aos sete; de maneira que o pobre orphão estava abandonado a seus tutores, os quaes não o queriam e o deixavam vagabundear todo o dia na grande praça de Athenas com outros rapasitos abandonados como elle. Os tutores, apesar de que haviam recebido dinheiro para mantel-o e educal-o, não se occupavam da sua educação; de modo que chegou á edade de doze annos sem saber mais que lêr e escrever, e isto mesmo o empregava em fazer diabruras.

Havia n'aquelle tempo em meio da praça uma grande tribuna de marmore. Quando havia algum importante que decidir na villa, uma guerra que emprehender, um monumento que construír, navios que equipar para ir buscar distantes mercancias, todos os que queriam, subiam á tribuna: o povo reunia-se ao redor dos oradores; examinava-se o mais conveniente, e depois, quando tudo estava dito em pró e contra, cada um escrevia seu parecer sobre uma concha e a depositava-a em uma caixa. Contavam-se depois as opiniões, e a escripta maior numero de vezes era a adoptada.

O pequeno Demóstones ia, como os mais, á praça quando havia deliberação, porém não para escutar os oradores. Deslizava-se por entre a multidão com um carvão em uma mão, e na outra um pedaço de giz. Aos que tinham trajo branco, que então havia muitas que o usavam, escrevia-lhe nas costas com o carvão palavras como as seguintes: *ladrão, burro, borracho, maluco*, etc., e se era trajo negro escrevia-o com giz e depois escapava-se. Quando a assembleia se dissolvia, collocava-se com outros garotos em uma esquina de uma rua, e a todo o que passava com o letreiro nas costas, faziam-lhe caçoada, insultavam-o e perseguiam-o.

Algumas vezes a gente ria-se d'estas algazarras, porém o mais frequente era que os offendidos se incommodavam, e quando podiam colher o rapazito, o que não era facil, lhe impunham uma bôa correcção com suas bengalas; porém isto pouco importava a Demóstenes; soprava e coçava as costas e voltava a repetir o mesmo no dia seguinte.

Um dia que havia entrado no recinto do tribunal, encontrou-se collocado tão perto dos juizes, que não se atreveu a exercer suas travessuras de costume; e sendo-lhe tambem impossivel, por causa da muita gente, sahir d'alli, tomou a deliberação de escutar o orador, o que jámais havia feito.

O assumpto era importante. Tratava-se de saber se o general ateniense Chabrias havia entregado uma cidade aos inimigos. O orador Callistrate, que accusava o general, fallava com grande eloquencia; os que se encontravam ao lado de Demóstenes estavam vivamente impressionados, e de tempo a tempo aplaudiam: o rapazito aplaudia tambem e prestava uma grande attenção. Quando terminou o orador seu discurso, soou um grande aplauso, apesar de não estar permittido, e Demóstenes aplaudiu como os mais, com tanto afan que lhe cahiu ao solo o carvão e o giz; porém elle já não se occupava mais que do bello discurso que acabava de ouvir. O general foi reconhecido culpado e condemnado: novos bravos resoaram: Callistrate foi rodeado pela multidão, e á sahida do tribunal dous dos seus admiradores tomaram-o sobre seus hombros em meio das acclamações, e levaram-o em triumpho até sua casa, seguido de um immenso cortejo, no qual figurava Demóstenes.

Quando o menino chegou a sua casa, seu tutor viu-o pensativo e perguntou-lhe com que sonhava.

Demóstenes contou com grande enthusiasmo o que havia ouvido no tribunal, exclamando algumas vezes: «Que formoso é ser orador!»

—E' que tu querias sel-o?—perguntou-lhe rindo seu tutor.

—Por...por... que não?—disse Demóstenes, erguendo altivamente a cabeça.

O pobre era gago.

Porque não?...Por mil razões: primeiramente para ser orador é necessario ser muito instruido, e tu nada sabes.

—Estudarei.—Contesto resolutamente o menino.

—Demais, em quanto dizes duas palavras, fatigas-te e não terás alento para fallar.

—Aquiril-o-hei.

—E tambem gaguejas de uma maneira deploravel.

—Isso...me...me...me sahirá—atalhou Demóstenes.

—Parece-me, amiguito,—continuou sorrindo o tutor—que principias mal a corrigir-te, pois nunca gaguejaste tanto como agora.

—E' verdade,—disse tristemente Demóstenes—porem quero ser orador e sel-o-hei.

O tutor fez-lhe ainda muitas objecções, porém Demóstenes contestava sempre que queria ser orador, e que quando se quer com empenho uma cousa, se consegue.

Com effeito, desde este dia não fez mais travessuras. Via-se passear por a praça quando havia oradores que fallavam, porém não já para fazer diabruras, mas sim para aprender a fallar como elles.

Seu tutor estava desesperado, porque conhecia que Demóstenes, laborioso, não deixaria roubar seus bens, como se houvesse continuado sendo um perdido.

Era costume, quande o povo estava reunido em assembleia, que um arauto armado com uma varita dissesse em voz alta ao começar o debate: «Algum que passe de cincoenta annos, quer tomar a palavra?» Quando os oradores d'esta edade haviam fallado, chamavam-se os de mais de quarenta annos; depois os que passavam de trinta. Quando o assumpto parecia sufficientemente discutido, paravam aqui; porém algumas vezes chamavam-se tambem os oradores de vinte annos e até mais jovens. Isto succedeu um dia que Demóstenes estava ao pé da tribuna

Conhecendo bem o assumpto de que se tratava, e até havendo-o estudado em segredo, e atreveu-se a ir á tribuna.

Era summamente raro que um joven orador ousasse tomar a palavra. Assim é que quando viram o menino por a mão sobre o marmore, dispondo-se a fallar, houve um grande movimento de curiosidade. Porém foi bem distincto quando reconheceram Demóstenes.

—Como,—diziam—é o traste que quer fazer-nos um discurso! E' a pequena serpente que vem silvar-nos uma arenga! Que póde ter que dizer-nos?

O innocente orador começou o seu discurso; porém apenas pronunciou algumas palavras, foi interrompido por grandes gargalhadas. Apezar de seus exforços para corrigir-se, gaguejava ainda; demais, quando tinha começado uma phrase grande, via-se obrigado a deter-se sem podel a concluir—e os caçoadores terminavam-a por elle, em meio

do riso da multidão. Sem embargo, occuriam-lhe boas razões que fazia valer; porém tinha tal pressa de dizel as que queria apresental-as todas d'uma vez, e seu discurso parecia-se a um novello de fio enredado.

Todo mundo ria; insultavam o joven orador e diziam-lhe brutalmente que fosse embora. Por fim tomou o partido de deixar a tribuna; aplaudiram-o para dar-lhe graças, e o pobre rapaz, tão humildado, deu-se pressa a marchar por as ruas menos concorridas de Athenas.

Quanta distancia havia d'isto aos aplausos prodigalisados a Callistate!

Outro qualquer haveria provavelmente perdido o valor, e haveria-se feito marinheiro ou soldado, como lh'o aconselhava seu tutor, porém Demóstenes não queria faltar á sua palavra, e havia jurado que seria um grande orador.

Muito tempo passou sem que o tornassem a ver na praça, porém em troca encontrava-se com muita frequencia nos sitios mais solitarios, declamando em voz alta versos ou discursos: algumas vezes pegava em pedrasitas que mettia na bocca, acostumando-se a fallar alto e distinctamente. D'este modo conseguiu corrigir a sua má pronuncia; porém não podia dizer uma phrase um pouco extensa sem deter-se um pouco para tomar alento. Para obviar esta difficuldade, ideiou subir declives mui pendentes e difficeis, fallando alto e rapidamente. Por fim conseguiu com este exercicio o que desejava, e chegou o dia em que pôde dizer a phrase mais extensa sem faltar-lhe o alento. Já só lhe faltava não turbar-se com o ruido que ha em torno do orador e dominal-o. Para acostumar-se aos tumultos da praça, ia ás margens do mar quando estava mais agitado, e dirigia ás irritadas ondas as arengas mais pathetícas, aprendendo a fallar em um tom mais alto que o ruido que aquellas produziam.

Porém isto não era mais que a metade do que necessitava saber. Era preciso adquirir conhecimentos para poder fallar sobre qualquer materia, sem ter precisão de preparar-se antecipadamente.

Havia no seu jardim uma especie de subterraneo, no qual se podia estudar sem ser distrahido por nada; fez levar alli tudo o necessario para escrever e alguns livros, ou para melhor dizer o que fazia então officio de taes, que eram rollos de papirus ou de pergaminhos escriptos á mão. Levou tambem provisões para comer, uma lampada e azeite para allumiar-se e encerrou-se, resolvido a não sahir em quanto não soubesse tudo o que desejava saber.

Ao cabo de alguns dias de trabalho encontrou-se cansado e com desejos de sahir. Porém reflexionou que se o fazia a miudo, perderia parte do seu trabalho, e discorreu a maneira de obrigar-se a permanecer encerrado. Todo o mundo usava n'aquelle tempo a barbascumprida: a sua principiava a crescer; pegou n'uma navalha e fel-a sómente de um lado; tomou umas thesouras e cortou o cabello de meia cabeça, de modo que estando tão ridiculo, era-lhe impossivel sahir do seu esconderijo.

Assim estudou alguns mezes.

Por fim, um dia sahiu do subterraneo e dirigiu-se á praça publica. Sua barba e seu cabello haviam crescido, porem o trabalho havia feito empallidecer seu rosto. O povo accudia á praça; Demóstenes informou-se sobre o que iam deliberar, e ouviu com prazer que era um assumpto que havia estudado. Sem embargo não pediu a palavra, deixou fallar os outros oradores e subiu á tribuna por ultimo.

Uma gargalhada resoou por todas as partes quando poz a mão sobre o marmore e olhou a multidão reunida.

— E' Demóstenes!—gritou uma voz.

— Demóstenes o gago!

— Demóstenes o de curto alento!

— Demóstenes o traste!

— Quer fazer-nos uma comedia uma vez mais!

E preparavam-se para divertir-se a expensas suas; porém o orador não se desconcertou, e ainda bem não havia pronunciado algumas palavras, quando os risos se transformaram em assombro; sua voz era clara, sonora e harmoniosa; não gaguejava, seu gesto era eloquente, e pronunciava as phrases mais extensas com uma facilidade maravilhosa.

Seu discurso é perfeito, suas razões claras, precisas e convenientes; cada cousa em seu logar. Escutardo os anteriores oradores havia-se crido que tinham razão. Demóstenes propoz-se demonstrar que se haviam equivocado e fel-o com tanta força que convenceu a todo mundo.

Quando concluiu o seu discurso, os que mais o haviam criticado, aproximaram-se a felicital-o, e alguns quizeram leval-o até sua caza como haviam feito em outro tempo com Callistrate.

— Como haveis feito para chegar a esse ponto de eloquencia e facilidade,—perguntaram-lhe—tendo como tinheis tudo em vosso desfavor?

— Por um meio muito simples,—respondeu o orador — tenho trabalhado e luctado com perseverança, tenho querido chegar e cheguei. Não ha nada que não se consiga com obstinado trabalho.

Demóstenes chegou a ser, com effeito, um dos primeiros oradores do mundo, e seus tutores foram condemnados a pagar uma grande multa por havel-o privado de professores, obrigando-o a recorrer a estudos excessivos.

JUSTINO BARBOZA.

(Traducção)

CORRESPONDENCIA DE COIMBRA

Começa a gente a não poder fazer a travessia da Calçada senão montado n'um camello e com provisões de boca e agua para quinze dias. Aquillo está um deserto, em que apenas ha o oasis sem palmeiras do Café Lusitano, frequentado de longe em longe por algum d'estes desgraçados *fellahs*, aos quaes a miseria do emprego publico não permitte o luxo d'um mez de Figueira ou de Espinho. Por emquanto, até ao fim de agosto, ainda surge por alli um ou outro beduino atrazado para jogar o dominó a vintem a partida e recolher a casa ás 8 horas da noite, alaçado em suor, coberto de pó e saturado de sensaboria.

Mas para setembro já sei que fico eu mais o criado do Lusitano senhores de Coimbra desde Fóra de Portas até a Arregaça e desde Cellas a Santa Clara.

Ha gente muito feliz! Até ha sujeitos que podem n'esta quadra ir dois mezes para banhos de mar, mandando ao diabo Coimbra e todas as massadas officiaes! Que deliciosa cousa é ser rico, e ter filhos e andar com elles agora por uma d'essas praias, chamuscando-os ao sol e enebriando-os de bom ar, alegrando-os de liberdade e avigorando-os a banhos, a corridas, a saltos, a trambulhões a risadas infinitas e inextinguiveis! E ha sujeitos ricos, com mulher e filhos, que vão para as praias e passam lá o seu tempo, de dia a jogar o *Whist* pelas assembleias, e de noite a dançar pelas reuniões ou a arruinarem-se no jogo de parar pelos clubs, pelas roletas e pelas batotas. E então o policia inquieta-se ás vezes muito com isto, como se o melhor serviço que ella podesse fazer á sociedade não fosse o de deixar arruinarem-se e apulharem-se estes asnos, e quanto mais depressa melhor, para o mundo se ver livre d'elles. O que a policia devia fazer a esses sugeitos era obrigal-os a valsar todas as noites de collarinhos altos, fraque preto e bota de polimento, até os derreter em suor, ou condemnal-os a viverem n'estes mezes em Coimbra com obrigação de irem todas as tardes passear á Calçada e á estrada da Beira.

Com este segundo processo tenho a certeza de que se viam depressa livres de todos esses massadores e batoteiros.

É uma ideia que ahi fica para os futuros reformadores d'este paiz, um processo de repressão muito mais pratico e honesto, posto que igualmente efficaz e decisivo, do que o que o governo hespanhol applicou com mão regia aos revolucionarios do regimento de Numancia.

A proposito d'este caso dos fusilamentos tenho achado comica a sentimentalidade dos jornaes monarchicos pelas pessoas dos quatro sargentos summariamente espingardeados. Estes sugeitos parece que querem que as leis se façam para se não cumprirem. Quando foi do caso do Antonio Coelho toda a imprensa lusitana, com raras e honrosas excepções, pediu ahi a berros o restabelecimento da pena de morte no exercito e o parlamento votou com grandes assemos patrioticos o ultimo codigo de disciplina militar, que representa uma regressão de trinta annos na nossa civilisação politica.

Votando esse vergonhoso codigo, os mesmos jornaes que o extrahiram a ferros do ventre do ministerio regenerador cantaram loas ao sr. D. Luiz por elle o revogar com a sua pacifica inercia brigantina, negando-se a assignar a pena de morte do Antonio Coelho. Depois ainda os sobreditos jornaes, que tantas lagrimas vertiam pela disciplina ludibriada e que tão ternos suspiros murmuraram aos pés de sua magestade pela sua magnanimidade em poupar a vida ao soldado assassino, não tiveram uma unica palavra de compaixão, uma simples curiosidade commovida a favor do desgraçado, que está apodrecendo n'uma enxovia infame, sem ar e sem luz e que ensandeceu á força de soffrimentos physicos e de privações moraes.

São hypocritas ou asnos?

Ando desconfiado que são uma e outra cousa.

Agora, a proposito do fusilamento dos quatro sargentos hespanhoes, tambem os jornaes portuguezes fizeram phrases para regalo dos burguezes sentimentaes. Por que não guardam essas phrases para as collarem, como um distico infamante na fronte de uma instituição politica, em que taes indignidades são lei e em que taes torpezas são uma condição de vida? Revoltam-se, na sua sensibilidade idiota, contra o cutélo que fere e não contra o braço que o vibra? Acham boa a instituição que legalisa esses attentados e condemnam os representantes d'essa instituição quando elles, na legitima esphera das suas atribuições descripcionarias, cumprem com o seu dever de executores da lei? Querem collocar a vontade de um homem acima da vontade collectiva de toda uma nação, expressa n'um codigo, e queixam-se de que esse homem use e abuse d'esse poder, que lhe entregaram, em beneficio da sua propria conservação? Não é elle que é cruel mandando matar os que conspiram contra o seu governo e a sua pessoa, pois que a lei lhe permitte esse attentado em legitima defeza, são os que sustentam e applaudem as instituições que esse homem representa os que devem reconhecer-se infames e confessar-se torpes, por terem dado ao braço d'esse homem uma força, que, com os seus protestos incoherentes, negam á propria sociedade.

A mim pois não me indigna o sr. D. Affonso XII quando manda matar conspiradores, indigna-me a monarchia hespanhola, que estabelece na lei taes processos de governar.

Um certo jornalismo tambem chorou lagrimas de sangue e ainda continua choramingando, pelo facto da revolução de Badojoz abrir novamente na Hespanha a era dos *pronunciamentos*. Tem graça isto e não offende.

A actual monarchia hespanhola deve a sua restauração aos pronunciamentos militares, que assassinaram a mais legal e honesta republica que se tem estabelecido no mundo, pois que foi instituida, sem um attentado nem uma violencia, por meio de votações parlamentares quasi unanimes. Então eram bons os pronunciamentos para derrubar um governo legitimamente e exclusivamente parlamentar, agora são deploraveis os mesmos pronunciamentos por attentarem contra uma restauração tramada em conluios de caserna. Que criticos!... Que dentistas!... Que tolos!

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

CORRESPONDENCIA DE HESPANHA

CORRESPONDENCIAS PARTICULARES

DA

Locomotiva

Madrid 19, agosto.

A' las cuatro de esta tarde se reunieron los ministros en consejo y en el continuan á la hora en que me retiro para trazar estas lineas. Por ligerisimas referencias he podido entrever que se ocupan como asunto principal y casi unico de las comunicaciones recibidas de las autoridades de provincias, acerca del espiritu publico y situacion de los animos despues de los ultimos sucesos para poder apreciar con la possible exactitud la situacion general antes de decidirse á proponer acerca del restablecimento de las garantias.

Tambien se occupáran de la Ley provincial aplicable á Cuba y Porto—Rico y no sé si de alguna outra cosa de interés.

Aproposito de Puerto-Rico, creo deber llamar la atencion el sobre razonado articulo que hoy publica *El Liberal* acerca del desprestigio en que necesariamente ha de caes el sistema parlameniario en la segunda de las citadas islas, con el ejemplo tres veser repetidas en un año de hacerse eleciones en un mismo districto y haber resultado elegidos en dos de ellas dos altos funcionarios de Ultramar para renunciarlo en seguida y resultar en terceras eleito por 33 votos un hermano del sr. ministro de Ultramar. Realmente, el ejemplo no es edificante; ni tales diputados, por mas que lo sean deben ni pueden considerarse con la autoridade moral que la mayoria de sus colegas.

Del viaje del rey no he de hablar por que sus menores detalles son comunicados por telégrafo. Todas las noticias convienen en que el monarca esta siendo objecto de las ovaciones más espontaneas en todas partes y en particular en la capital valenciana.

Por cierto que la especie vertida por un corresponsal de que los posibilistas de Valencia habian salido á saludar á Don Alfonso, tráe á mal traer á los de acá que aguardan con anciedad noticias directas para poder apreciar los hechos y la llegada pasado mañana del sr. Castelar para dicidir á acerca del asunto, si realmente lo reclama.

Me he informado respecto a la resolucion en el asunto de los arroces y hé sabido que en efecto el sr. ministro de Hacienda sustuvo en consejo una opinion contraria á la que he prevalecido, y que el sr. Sagasta fue quien influyo para que se resolvéra lo acordado. No es de estrañar que el sr. Pelayo Cuesta haya pasado por todo si como se me assegura se haya resuelto á retirarse; pues la imposicion de sus compañeros respecto de los ultimos sucesos y la suspension de garantias con caracter general le tienen muy disgustado.

Nada mas por hoy.

Mencheta.

Madrid 20, agosto.

Por mas que la pasada sublevacion esté materialmente terminada por completo, es evidente que no lo está en el órden moral, que asi lo cree el gobierno y que en tal supuesto, podemos renunciar por unos dias á que las garantias individuales se restablescan. Con la prudencia que le caracterisa ya apuntaba anoche *El Correo*, diario intimamente conexionando con el gobierno, que entre los informes y comunicaciones ayer revisadas en el consejo de ministros figuraban algunas de capitanes generales en las que se decia era conveniente aplazar la medida hasta conocer algunos detalles y pormenores de las investigaciones que se estan haciendo.

El gobierno las signe con sumo cuidado y en este momento estan reunidos en la Presidencia los srs. Sagasta, Vega de Armijo, Sullon y Nuñez de Arce ocupándose en conocer los últimos despachos y oficios recibidos.

Los detenidos em Badajoz y otros puntos como complicados en la sublevacion parece que hay hechos, algunos de ellos indicaciones preciosas y precisas por vir tud de las cuales se ha procedido á otras detenciones. En Madrid se han hecho hoy algunas de oficiales subalternos á quienes en seguida se ha echado de menos en los sitios que frecuentan.

Todo ello, por mas que pese poco, es indicio mas que suficiente para puder calcular que no se restableceran las garantias constitucionales tan pronto, como pudiera pensarse.

Atrasada es la noticia, pero cré conveniente consignarla. En los dias de los pasados suceso, pudo temerse que en Murcia y Cartafena ocurriera algo por que se notaba alguna escitacion y el Delegado Economico y el Admñor de Rentas respectivos pusieron los fundos que á su cuidado tenian à buen recaudo y telegrafiaron lo hecho mereciendo aprobacion su conducta. Por fortuna todo fué inutil; pero mas vale prever que lamentarse.

Por consecuencia de las averiguaciones que se pratican sindescanso parece que se han cojido hilos importantes de una madeja que no habia comensado á desenredarse, ni ya se desenredará por haber dado en manos que no eran seguramente las llamadas á manejarla. Deberes de prudencia me obligan á dejar las cosas aqui por hoy.

Indudablemente en las esferas del gobierno se agita una grave cuestion internacional, como lo son todas las de esta indole, relacionada intimamente con las ultimas sublevaciones militares. Un diario intimamente rela-

cionado con el gobierno, El Coreo en su *Balance* anoche y «El Imparcial» cuyas relaciones con el ministro de Estado, son bien conocidas, dice hoy algo en este sentido, deseando acierto al gobierno. Si es exacto lo que yo he oido el problema es arduo y hay que meditarlo y cerciorarse mucho antes de comprometerse en un paso que pudier ser de gran trascendencia.

Lo que si me olvidé ya ayer decir y he de conignar hoy es la comicion que algunos importantes hombres de la situacion abrigan de que si al regreso del rey de esta primera escurcion, se diciera el gobierno á proponer el restablecimiento de las garantias podia darse por cierto que no se realisaria la anunciada escursion de S. M. á la Alemania.

El Globo la emprende hoy con el activo corresponsal de la Correspondencia Sor. Mencheta por haber este dicho que los posibilistas valencianos fueron á recibir el Rey apasantando creer que se habia informado mal: pero *El Liberal* dice hoy que el sr. Olias sabia que el hecho era escrito; luego *el Globo* ha pegado contra el sr. Mencheta por no pegar contra sus correligionarios.

M.

POLITICA NACIONAL

E' tão importante e expressivo o artigo seguinte, que com todo o encarecimento pedimos á illustre redacção do *Diario Popular* perdoe que a *Locomotiva* se aposse d'elle.

«Diz a *Revolução* que a flagellamos, porque nos quer indispor com o rei. Isso é equivoco. Limitamo-nos a dizer-lhe a rir, que perde o tempo em escrever milesimos artigos para indispor o sr. D. Luiz comnosco. Não é preciso fazer o que está feito, e não nos importa para nada.

A mesma *Revolução* pretende varias cousas, a saber:

1.º Que o sr. Luciano de Castro definiu a sua posição:

2.º Que reneguemos os elogios feitos ao rei, emquanto o partido progressista governou:

3.º Que conteste a affirmativa de que nos queriamos pôr bem com o rei;

4.º Se nos prestamos a governar com o sr. D. Luiz.

São tudo coisas respondidas mil vezes, mas para lhe dar gosto respondemos outra vez.

Emquanto ao 1.º ponto.

Todo o partido progressista, desde o primeiro até o ultimo dos seus membros, e, portanto, desde o sr. Braamcamp até o mais obscuro soldado do partido, está conforme e unido no mesmo pensamento. Ora o sr. Luciano de Castro é membro do partido progressista, e um dos mais distinctos.

Em quanto ao 2.º ponto. Mantemos tudo o que dissemos de bem do sr. D. Luiz I emquanto elle procedeu bem, mas retiramos as apreciações feitas no momento da queda do gabinete progressista, quando ignoravamos ainda a traição de sua magestade para servir o seu valido.

Não levariamos a mal ao sr. D. Luiz, que retirasse a confiança aos seus ministros e lhe desse a demissão.

Levamos-lhe a mal a conspiração contra elles e o seu procedimento desleal.

A confiança não se impõe, e não podiamos obrigar o rei a mantel-a; mas a lealdade é dever de todos, rei ou simples cidadãos.

Emquanto ao 3.º ponto. Sabiamos que eramos columniados no paço e conheciamos os perigos da indisposição entre o rei e qualquer partido politico.

Precisavamos, pois, desenganar o rei a nosso respeito.

Sua magestade declarou-se desenganado e depois atraiçoou-nos.

Emquanto ao 4.º ponto, Isso é conforme e não pode desde já dar-se uma resposta definitiva.

Se o sr. D. Luiz reconhecer os seus erros, protestar emenda e nos collocar em situação de não mais temermos a sua cumplicidade em conspirações palacianas e traições, poderemos ainda governar com sua magestade sem que tenhamos n'isso grande empenho. Se não, não, e teremos que procurar outra solução dentro da monarquia constitucional sinceramente comprehendida.

Não ha mais claro».

SERVIÇO TELEGRAPHICO
DA
LOCOMOTIVA

Barcelona 20 ás 11, 45. m.

A' recepção do rei foi muita gente. Cem carruagens seguiam o coche real. Illuminações esplendidas. Amanhã ás 2 horas da tarde recepção e ás 6 parada.

Mencheta.

Madrid 21 ás 7 e 30 da tarde.

Boatos falsos produziram na Bolsa uma baixa de 25 centimos. Reuniu-se conselho de ministros; ignora se para que. Chambord está moribundo. O cholera decresce,

Mencheta.

Annuncios

CABELLEIREIRO SOARES

Offerece a todas as ex.mas sr.as portuenses e provincianas, um grande sortido de tranças de todas as côres e tamanhos, que vende de 1$000 reis para cima. Faz com toda a perfeição correntes, pulseiras, medalhas, cordões para luneta, anneis, etc. Batalha, 114, Porto.

GIMNASIO E SALA D'ARMAS
Largo da Picaria 13—Porto—rua do Pinheiro, 1.
Medico — Ex.m.º Sr. Dr. Victorino da Motta.
Professoro para o sexo feminino—D. Violante Stathmiller.
Professor e director—Paulo Laure.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE
CONSTRUCÇÃO DE COFRES A PROVA DE FOGO

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao aterro, onde se encontram amostras e padrões de grades ornatos e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

CHAPÉU MAGICO PORTATIL

A unica casa que fabrica este artigo nas melhores condições tanto em acabamento (porque as costuras das copas não são desfiadas por dentro, e teem um elastico no fundo para segurar o chapeu depois de fechado) como na qualidade das mollas de puro aço é OLIVEIRA & C.ª, LISBOA
142 Rua Augusta 144

Enviam-se amostras das fazendas.

Preço a meudo 500 réis em caixa colorida e porte de correio pago.

Recebem encommendas por atacado, em boas condições.

COLLEGIO BRAZILEIRO

Foram magnificos os resultados obtidos no Lyceu pelos alumnos d'este estabelecimento.

Continua a preparar praticamente para as Academias de Portugal e Brazil e para o commmercio.

143—Rua da Junqueira—143
LISBOA

REAL FABRICA
DA
VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa Largo do Loreto, 13; e vendedores por todo o paiz.

ALTA NOVIDADE

¡¡Chapeus magnificos¡¡

PARA

Senhoras, meninas e creanças

Acertada e curiosa invenção portugueza

Estes chapéos pesam cerca de 70 grammas e guardam-se em bonitas caixas de 15 centimetros de diametro, pelos modelos á amazona, Munich ou telha e á Sarah, e são feitos de xadresinhos da moda, hollandas e outras fazendas de phantasia, enfeitados de setinetas e gazes de diversas côres. Na estação presente são proprios para campo e praias, seu preço é para senhoras 1$000 rs., e para creanças de 700 a 900 reis. Transformam-se depois para quantos feitios se quizerem sem dependencia de carcassa, applicando-se lhes sedas e quantos enfeites se pretenderem, passada a estação calmosa. Para revenda por duzia faz-se desconto vantajoso. Para fóra de Lisboa recebem-se vales do correio e pede-se para cada pedido 50 reis para registo do correio unicamente.

Os inventores Oliveira & C.ª

142, Rua Augusta, 144 LISBOA.

CARIMBOS DE BORRACHA

Feitos em Inglaterra pelo melhor systema até hoje conhecido. São affiançados a durarem cinco annos.

De uma letra com ornamento.....	400
De duas letras enterlaçadas.....	440
De tres letras enterlaçadas.....	600
Nomes por extenso para bilhete de visita	800

Estes preços incluem caixa, almofada e tinta. Enviam-se pelo correio e acceitam-se sellos em pagamento. Henriques, Sons & C.ª, travessa da Palha, 40, 1.º, Lisboa.

ANTONIO J. D'ALMEIDA ROSA

COM ARMAZEM
DE
CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1. andar

PORTO

COMPANHIA DE EGUROS DE VIDA
NEW YORK

CAPITAL 47.000.000$000

Mutuos a premios e compromissos fixos. Os segurados são os unicos proprietarios do fundo de garantia e de todos os lucros.

Esta Companhia é evidentemente mais vantajosa do que qualquer outra.

Direcção em Lisboa, 64 Caes do Sodré.

HOTEIS

MADRID—*Gran Hotel de Embajadores*, de Modesto Garcia de Alba & C.ª—Carrera de S. Geronimo 4, esquina da Puerta del Sol, e calle Victoria, 1. N'este esplendido estabelecimento, proferido pelos viajantes portuguezes e brazileiros, ha quartos de 1$200 réis para cima, e elegantes aposentos para familias, com todas as commodidades dos primeiros hoteis do mundo. Nas estações dos caminhos de Ferro em Madrid encontram-se os seus interpretes, e um magnifico omnibus com o nome do hotel.

PORTO — *Grande Hotel do Porto* é o Principal d'esta grande e opulenta cidade, construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em largas viagens de estudo.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA
SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO
PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

HOTEL OLINDA
RUA DAS AGUAS N.º 10, BRAGA

Este magnifico hotel, que antigamente tinha o seu nome incognito, em virtude dos poucos commodos, tem hoje o nome da sua proprietaria e é um dos primeiros do Minho.

Tem todos os commodos necessarios, o tratamento é esplendido e tudo por preços reduzidos.

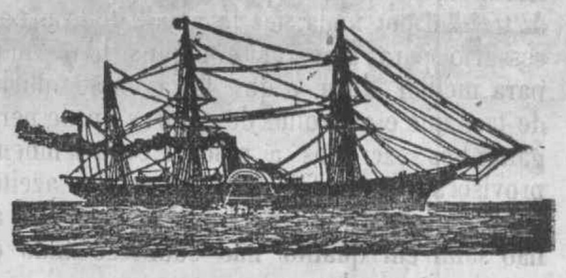
SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante estabelecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MISMA CASA

Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Ricca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA

Coches y interpretes en las Estaciones.

PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANO



THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Os magnificos paquetes d'esta companhia sahem de Lisboa alternadamente para o Brazil, Rio da Prata, e portos do Pacifico ás terças ou quartas-feiras. As familias para os portos do Brazil e Rio da Prata recebem um grande abatimento de preços, que todos são moderados. Pela rapidez, commodidades, e luxo estes paquetes são notabilissimos. Dão serviço medico gratuito.

AGENTES: *Em Lisboa*—64, Caes do Sodré, E. Pinto Basto & C.ª

No *Porto*—10, Largo de S. João Novo, V. Ferreira Pinto Basto.

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E CAIXA ECONOMICA PORTUGUEZA

DESCONTO de juros de inscripções complementares livres, a juro de 5 por cento ao anno, contados da data do desconto até á do pagamento na junta. Emprestimo sobre penhores de titulos de divida publica e obrigações da companhia géral do credito predial portuguez, a juro de 5 por cento ao anno.

Depositos na caixa economica em conta corrente á ordem, a uro de tres e sessenta centesimos por cento ao anno.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

Imprensa Aveirense—Largo da Vera-Cruz—Aveiro